

EDUCAÇÃO MUSEAL EM REDE: SURGIMENTO E ATUAÇÃO DAS REDES DE EDUCADORES EM MUSEUS NO BRASIL

Mona Ribeiro Nascimento¹

Leane Cristina Ferreira Gonçalves²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo traçar um breve panorama histórico do surgimento e atuação das Redes de Educadores em Museus no Brasil, bem como refletir sobre como este modelo de organização vem se consolidando num importante meio de fortalecimento da sociedade civil no campo da Educação Museal, haja vista sua relevante atuação no contexto da elaboração e aprovação da Política Nacional de Educação Museal (PNEM). Buscamos, além de contextualizar o conceito de rede, apresentar um pouco da realidade das Redes de Educadores em Museus do Brasil dando uma atenção especial à Rede de Educadores em Museus da Bahia, à qual compomos. Por fim, ressaltamos a importância das organizações em rede, no exercício de elaboração e implementação de políticas públicas, a partir da experiência de atuação da Rede de Educadores em Museus da Bahia na construção e aprovação da PNEM.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Museal, Redes de Educadores em Museus, Políticas Culturais.

INTRODUÇÃO

Falar de Educação Museal hoje é antes de tudo explicitar uma pluralidade de pensamentos, vivências e experimentações desenvolvidas num campo ainda em formação no país. Ações educativas, mediação cultural, acessibilidade cultural, cartografias afetivas, parcerias institucionais, ações de assessoramento técnico e capacitação, implantação de setores de educação, formação em Educação Museal e

¹ Docente Substituta do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Museóloga pela Universidade Federal da Bahia. Discente do Programa de Pós Graduação em Políticas e Gestão Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Membro do Comitê Gestor da Rede de Educadores em Museus da Bahia. Integrante da REM-Brasil. monaribe@gmail.com

² Técnica de Nível Superior do Museu de Ciência e Tecnologia da Bahia. Museóloga pela Universidade Federal da Bahia. Discente do Programa de Pós Graduação em Gestão Cultural da Universidade Estadual Santa Cruz. Membro do Comitê Gestor da Rede de Educadores em Museus da Bahia. leanecristina@gmail.com

laboração de materiais educativos são alguns caminhos possíveis nesse sem fim de vertentes que o campo abarca e suscita.

Assim como as possibilidades, a natureza das formações e atuações dos profissionais ligados a esse campo também é vasta. Entretanto, todos se reconhecem a partir de uma expressão comum que tem feito cada vez mais sentido: o educador de museus ou educador museal. Não é difícil encontrar entre os profissionais de museus aqueles que defendem que as atividades educativas devem ser valorizadas e reconhecidas, bem como as equipes responsáveis por elas, sempre devidamente asseguradas no Plano Museológico da instituição e integradas às demais ações do museu. Essa inclusive é uma defesa explícita no texto da, recente, Política Nacional de Educação Museal que em seu terceiro princípio defende que

cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu. (BRASIL, 2018)

E esse é apenas um dos exemplos em que a organização desses profissionais foi responsável por momentos decisivos para o desenvolvimento desse campo. E é justamente sobre esse engajamento e os resultados alcançados que iremos nos debruçar nesse trabalho. Inicialmente, iremos refletir sobre o conceito de rede e de que forma essa palavra tão atrelada ao campo técnico da Tecnologia da Informação veio a se consolidar como um dos conceitos mais caros ao campo das organizações sociais. Tomando de empréstimo reflexões feitas antes de nós, buscaremos delinear em que momento a ideia de se organizar de forma capilar deu o tom do campo da Educação Museal.

Em seguida, conheceremos o contexto do surgimento da primeira Rede de Educadores em Museus no Brasil. A forma como o campo museal vinha se organizando é fundamental para entender de onde veio a motivação para o engajamento. Conheceremos também as redes que hoje atuam no país através de um memorial descritivo feito por elas mesmas. Conheceremos com um pouco mais de atenção a Rede de Educadores em Museus da Bahia, rede essa que construímos diariamente.

Por fim, entenderemos a crucial participação dessas organizações na construção da Política Nacional de Educação Museal e veremos como essa atuação foi, talvez, decisiva para que hoje o campo contasse com esse documento norteador.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE REDES

Em diversas áreas das ciências sociais, alguns conceitos importados de outros campos acabam não dando conta da complexidade característica das relações sociais. Assim acontece com o método científico oriundo das ciências exatas e biológicas e assim tem sido com categorias administrativas como gestão e o termo, mais comumente utilizado para as ciências da informação, rede.

Analisando os conceitos de gestão social apresentados por Cançado, Tenório e Pereira (2011), percebemos que o início da utilização da expressão *social* em seguida ao termo *gestão* ainda é um mistério, porém, embora não se saiba ao certo quando se começou, os autores nos apresentam de forma clara quais os objetivos desse acréscimo: “o conceito de gestão social é entendido como o processo gerencial dialógico onde a autoridade decisória é compartilhada entre os participantes da ação”. (CANÇADO, TENÓRIO E PEREIRA, 2011).

Assim sendo, a principal característica de uma gestão social é justamente o deslocamento dos focos de preocupação. O importante deixa de ser o objeto a ser gerido e passa a ser o sujeito que realiza a gestão, ou melhor, os sujeitos envolvidos, que passam a ter poder de participação e decisão através de uma perspectiva dialógica.

Pensando nessa definição de gestão social, nos aproximamos do que hoje compreendemos ser uma organização social em rede.

Para Cassio Martinho, o conceito de rede é:

fundamentado em práticas e princípios democráticos, emancipatórios e empoderadores do ponto de vista político e social, sustentáveis do ponto de vista ambiental, abertos e polifônicos do ponto de vista cultural. É um projeto deliberado de organização da ação humana. Não como uma entidade ou instituição, como o termo organização pode sugerir, mas como um padrão organizativo, que tem uma forma muito própria de operar. Esse padrão ajuda os atores sociais a empreender, obter resultados e promover a transformação da realidade, com princípios e procedimentos que já trazem embutidos o exercício dessa transformação. (MARTINHO, 2003)

Já para Castells: “rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta” (CASTELLS, 2010). Para o referido autor, a própria contemporaneidade pode ser definida, entre outras coisas, pelo “estar em rede”, sendo esse um dos traços que caracterizam esta época.

Desse modo, entendemos que redes são estruturas plásticas, dinâmicas e indeterminadas, no sentido de que sua configuração é flexível e regida por mecanismos de autogestão. Redes não têm centro, isto é, qualquer ponto da rede é um centro em

potencial. Redes são entidades fluidas, não delimitadas, não circunscritas e não descritas conforme as definições já existentes.

Um exemplo de como a definição de rede, apesar de bastante revistada, ainda encontra-se em processo, está em *Os Sentidos do Sem Sentido: Lembranças do “REDESENHO”*, onde o autor, Frederico da Silva, narra a dificuldade encontrada durante um processo de avaliação de políticas públicas, em se delinear os conceitos de rede. Em determinado trecho, citando Goldsmith e Egger, o autor apresenta uma perspectiva conceitual que nos interessa nessa discussão:

em outro plano, conceitual, as redes se definem [e se caracterizam] como: configurações ou complexos de organizações ligadas umas às outras por relações de interdependência em termos de recursos; uma rede de política pública representa um conjunto de relações que compreende troca de informações, expertise e outros recursos políticos existentes entre membros de grupos estáveis de organizações públicas ou privadas, referenciados a interesses comuns em um domínio específico e reconhecidos mutuamente; as redes evocam elementos de coordenação informal entre atores de um sistema político administrativo, que combinam aspectos culturais, variáveis psicológicas e políticas; as redes remetem a um sistema de representações ou construções sociais sobre as quais as normas de ação são construídas; as redes remetem a estratégias de governança. (GOLDSMITH & EGGERS, 2006 apud SILVA).

A aliança dessa perspectiva conceitual da administração com os característicos processos dialógicos do fazer cultural resultou no surgimento de organizações cada vez mais abertas e dialógicas, a exemplo das Redes de Educadores em Museus, organizações chave no recente e em formação, campo da Educação Museal.

Algumas expressões já foram utilizadas ao longo do tempo para designar a especificidade do viés educativo dos museus: educação extraescolar, educação não formal, educação em museus e educação patrimonial são alguns exemplos. Em relação à estrutura desses processos, podem-se encontrar termos como pedagogia museal, experiência museal ou até mesmo aprendizagem museal. Sendo museal um neologismo utilizado recorrentemente para qualificar tudo aquilo que é relativo ao museu, distinguindo-se de outros domínios, a Educação Museal hoje se reivindica como modalidade educacional e campo científico-político de atuação e se denomina como um conjunto de práticas e reflexões concernente ao ato educativo e suas interfaces com o campo dos museus. (BRASIL, 2018)

Sendo um campo em formação, a Educação Museal tem se construído de maneira bastante participativa. A exemplo do processo de construção da Política Nacional de Museus onde foram criados Grupos de Trabalho para a elaboração de cada

eixo, com participação ampla e significativa de setores da sociedade civil, o processo de construção da Política Nacional de Educação Museal foi marcado pela presença expressiva desses coletivos que tem dado a cara deste campo em formação.

Desse modo, defendemos aqui as Redes de Educadores em Museus, e outros modelos de organização social em rede, como espaços privilegiados de organização da sociedade civil para o pleito de suas demandas frente ao poder público. Podendo dessa maneira assumir o seu papel fundamental no processo de construção de políticas públicas.

REDE DE EDUCADORES EM MUSEUS: SOCIEDADE CIVIL ORGANIZADA

Um exemplo significativo da participação das redes na construção de políticas públicas é a construção da Política Nacional de Educação Museal. O processo que teve início em 2010 com o I Encontro de Educadores em Museus do IBRAM, só foi possível de ser realizado da maneira democrática e participativa por conta da organização da sociedade civil do campo, sobretudo aqueles organizados em redes. A redação da Carta de Petrópolis, resultado do I Encontro de Educadores do IBRAM, já possuía indicativos para o encaminhamento de uma política para o campo, após esse passo, o IBRAM lançou o Blog do Programa Nacional de Educação Museal (o PNEM), um canal virtual cujo objetivo foi reunir o maior número possível de contribuições acerca das temáticas relativas à Educação Museal, o que garantiu a participação de 708 cadastrados, 598 comentários, 83 tópicos de discussão e 681 postagens. Vale ressaltar que muitos cadastros foram feitos em nome de instituições museais, acadêmicas ou sociais dando a possibilidade de um número maior de participantes em cada cadastro.

Após a sintetização das contribuições do Blog no Documento Preliminar, foram realizados encontros presenciais para discussão dessas contribuições bem como a inserção de novas, uma vez que a discussão virtual poderia excluir alguns nichos de participação. Nesse momento, as redes tiveram uma participação fundamental. Através delas foi possível realizar 24 encontros regionais abrangendo todas as regiões do país. Nesse processo inclusive novas redes foram criadas justamente a partir da mobilização em torno da PNEM. A participação das redes foi tão significativa que, para a realização dos Encontros Nacionais do PNEM – o primeiro em 2014, em Belém do Pará e o

segundo em 2017, em Porto Alegre – o IBRAM garantiu a participação de representantes das redes cobrindo os custos com deslocamento e hospedagem.

Uma Rede de Educadores em Museus geralmente é uma organização voluntária e informal que funciona principalmente como espaço político e de formação para educadores museais. Para entender melhor como estas redes atuam, vamos conhecer um pouco sobre o histórico de suas formações, iniciando com a primeira REM do país, e dando sequência cronologicamente, às demais que se seguiram.

AS REDES DE EDUCADORES EM MUSEUS: SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO

A trajetória das Redes de Educadores em Museus no Brasil teve sua origem no ano de 2003, cujo cenário político-cultural era o lançamento da Política Nacional de Museus, cujo Eixo 3: Formação e Capacitação de Recursos Humanos, fomenta a organização dos profissionais do campo Museal. Foi neste momento de grande importância para o campo museológico no país, que profissionais da Educação Museal, com vistas a pleitos em investimentos para capacitação de profissionais e elaboração de políticas públicas específicas para área, se organizaram de maneira informal e deram início, na cidade do Rio de Janeiro, a Rede de Educadores em Museus (REM). O objetivo era trocar experiências, discutir e deliberar sobre aspectos da Educação Museal no Brasil, ampliando assim fontes de referenciais teóricos e práticos sobre o campo no país. Desde então, a atual Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais do Rio de Janeiro (REM-RJ) tem sido um espaço de organização e formação dos profissionais desse campo no estado do Rio de Janeiro.

A REM-RJ foi peça fundamental no desenvolvimento do campo da Educação Museal no Brasil, pois através do fomento que suas atividades provocaram, com o decorrer dos anos, outras redes surgiram, contribuindo assim, para o avanço dos debates sobre as políticas já existentes e o desenvolvimento de novas políticas que abarcassem de melhor maneira as necessidades do campo. Atualmente existem dezessete REM's mapeadas no Brasil, entretanto, apenas treze estão ativas, isso é um ponto relevante sobre o formato dessas redes, que iremos discutir com mais profundidade um pouco mais à frente. Antes de darmos continuidade ao processo de desenvolvimento das

REM's pelo Brasil, se faz necessário pontuar que atualmente as REM's se organizam em uma rede maior, denominada REM-Brasil, que desde 2014, através da mobilização virtual, consegue congrega todas as redes em atividade, tornando o processo de diálogo cada vez mais democrático e alcançando muito mais pessoas.

No ano de 2007, a REM-RJ articulou o seu I Encontro Nacional, e foi a partir deste encontro que educadores paulistas começaram a se mobilizar para a criação da Rede de Educadores em Museus de São Paulo (REM-SP), essa articulação ganhou forças entre os anos de 2009 e 2010, com a participação de membros da REM-RJ em encontros que fortaleceram o grupo. Entretanto, foi só no ano de 2014, durante o Encontro Regional para a discussão do Programa Nacional de Educação Museal, que mais tardia viria a se tornar a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), em SP, que a REM-SP conseguiu organizar suas atividades de forma continuada, realizando inicialmente encontros mensais abertos e depois subdividindo-se em Grupos de Trabalho temáticos e em grupos específicos, como o GT de Políticas Públicas, o de Perfil do Educador e a Comissão de Comunicação, responsável pelas redes sociais da REM-SP.

Dando continuidade ao projeto de tornar o Brasil um país forte no debate sobre a Educação Museal, em 2008, com o incentivo da REM-RJ, foi constituída a Rede de Educadores em Museus do Ceará (REM-CE), que funciona desde aquele ano com encontro presenciais e reuniões virtuais, buscando fomentar a reflexão sobre educação em museus e outros espaços culturais, assim como a formação e atuação política dos profissionais envolvidos, buscando articular instituições e profissionais da área de museus e centros culturais em torno da discussão de propostas e ações educativas efetivadas na área cultural. A REM-CE esteve presente na concepção dos princípios e eixos temáticos e na finalização do documento da PNEM, no 6º e 7º Fórum Nacional de Museus.

A pauta da Educação Museal esteve em voga em 2008 em função das discussões sobre a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), cujas premissas já haviam sido lançadas no texto da PNM, em 2003. Naquele ano, a Rede Informal de Museus e Centros Culturais de Belo Horizonte e Região Metropolitana (RIMC) foi criada. Tendo como objetivo gerar um ambiente de troca e reflexão acerca das estratégias e ações educativas desenvolvidas por museus e centros culturais de Belo Horizonte e Região

Metropolitana. Apesar de não ser uma rede de educadores, faz parte da REM-Brasil, pois é uma rede de cooperação teórica e prática que congrega diversas instituições museológicas e espaços culturais com a mesma finalidade de agregar contribuições para o campo da Educação Museal. Além disso, a RIMC participou como articuladora no PNEM desde abril de 2013 e realizou no dia 22 de agosto de 2014 um encontro regional no Memorial Minas Gerais Vale com a presença dos museus membros da RIMC e de outros profissionais interessados no tema.

Em 2009, com a criação do IBRAM, o campo da Educação Museal obteve ainda mais fôlego para desbravar o Brasil através de oficinas patrocinadas por esse recém criado órgão. Em outubro deste ano aconteceu no Museu de Arte Assis Chateaubriand, em Campina Grande na Paraíba, a oficina “Ação Educativa em Museus”, ministrada pela museóloga carioca Bárbara Hardium da REM/RJ. Essa oficina fazia parte do Programa de Capacitação e Formação em Museologia promovido pelo IBRAM. Como resultado da oficina realizada em Campina Grande e seguindo a tendência de vários estados brasileiros, os participantes resolveram implementar a Rede de Educadores em Museus da Paraíba (REM-PB), que ao longo do seu processo de articulação, assumiu uma postura extremamente política no Estado, em função de o governo local não possuir uma política pública instituída para a área dos museus. Seguindo a onda das oficinas patrocinadas pelo IBRAM, em 2010 foi fundada a Rede de Educadores em Museus de Santa Catarina (REM-SC), que é formada por um grupo de profissionais com o propósito de estudo, reflexão e definição de diretrizes no campo teórico e prático na área museal, de modo a fundamentar, avaliar, dinamizar e potencializar ações para a área, conforme as necessidades e realidades do Estado de Santa Catarina, e também participou das discussões da PNEM.

O ano de 2010 foi um ano de muita produtividade para o campo, pois além da REM-PB e da REM-SC, a Rede de Educadores em Museus do Rio Grande do Sul (REM-RS), foi criada em maio deste ano, durante o 12º Fórum Estadual de Museus - RS, onde se reuniram vários participantes e profissionais atuantes nas instituições museológicas. A REM-RS tem um público flutuante, que corresponde aos participantes presenciais e outros que contribuem de forma virtual, constituído por grupos de profissionais de diferentes áreas do conhecimento, alguns são profissionais da Educação, outros exclusivamente da Educação Museal. Dentre os atuantes em museus

estão os que exercem funções em vários setores envolvidos com a gestão, com a conservação, a comunicação, arquitetura, entre outros. A Rede também participou de forma representativa nas discussões que envolvem a Educação e os Museus no que diz respeito ao Programa Nacional de Educação Museal, em nível federal, como articuladores inscritos no IBRAM.

Ainda em 2010, durante o II Encontro Baiano de Museus, na Mesa Temática: “Fomento e Implementação da Rede de Educadores em Museus”, foi criada a Rede de Educadores em Museus da Bahia (REM-BA) sobre a qual nos debruçaremos com mais atenção logo à frente.

Até então, vimos que as REM's possuem um caráter mais autônomo, sendo na maior parte das experiências, fomentadas pela sociedade civil de profissionais do campo, entretanto, temos na Rede de Educadores em Museus de Goiás (REM-GO), um exemplo um pouco diferente. Essa rede foi criada por professores e alunos do curso de Museologia da Universidade Federal de Goiás, também no ano de 2010, com a finalidade de mapear as ações educativas de instituições culturais, estimular a criação de serviços educativos, integrar diferentes instituições culturais e museais, além de promover a relação entre cursos de formação. Inicialmente foi articulada por meio digital, num blog trazendo seus objetivos e atividades. Hoje, a REM-GO se apresenta como uma atividade de extensão do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás.

O processo de criação de REM's, também foi fortalecido com os encontros para o desenvolvimento do PNEM, como no caso da Rede de Educadores em Museus no Maranhão- (REM-MA), que foi articulada a partir de um desses encontros no ano de 2014. Com o objetivo de ampliar e fortalecer o papel educativo das instituições de memória e cultura do estado do Maranhão. A rede funciona por meio de encontros virtuais e presenciais em alguma instituição museal, a fim de dialogar sobre temáticas ligadas à área de educação e museus; divulgar ações, projetos e eventos das instituições; realizar pesquisas e participar de eventos. Ainda em 2014, surge a Rede de Educadores em Museus de Sergipe (REM-SE), como um espaço que visa congregar os pesquisadores, professores, profissionais de museus e setor de cultura, estudantes, entre outros, na criação de um espaço de reflexão e discussão sobre o caráter educativo dos

museus. Surge da união de pessoas e instituições ligadas à Educação e aos museus, com o objetivo de difundir e divulgar pesquisas, práticas educativas e experiências.

No ano de 2016, surge a Rede de Educadores em Museus de Campo das Vertentes – Rem Campo das Vertentes, constituída em uma reunião realizada nas dependências do Museu Regional de São João del-Rei, e congrega instituições museológicas e espaços culturais de São João del-Rei, Tiradentes e Região do Campo das Vertentes. Funciona desde então com encontros presenciais – numa rotatividade dos locais de reunião entre as instituições que compõem a REM, e discussões virtuais, buscando fomentar a reflexão sobre educação em museus e outros espaços culturais. Os objetivos propostos com a sua criação eram de possibilitar um espaço para discussão, organização, pesquisa e troca de experiências sobre a educação em museus e temas afins, articulando instituições e profissionais. A REM Campo das Vertentes não participou, enquanto coletivo, do processo de construção da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), no entanto foi discutida e incentivada a participação de seus membros, mesmo que individualmente.

Lembramos que algumas REM's estão com suas atividades suspensas ou em processo de reestruturação, como é o caso das: Rede de Educadores em Museus e Instituições Culturais de Pernambuco (REMIC-PE), que foi criada em 2008, Rede de Educadores em Museus e Instituições Culturais do Distrito Federal (REMIC – DF), criada em 2008, Rede de Educadores em Museus e Instituições Culturais de Mato Grosso do Sul (REMIC-MS), criada em 2010 e a Rede de Educadores em Museus e Patrimônio do Mato Grosso (REMP – MT), criada em 2010.

Como mencionado anteriormente, embora sejam organizações afins e com interesses em comum, é perceptível que as REM's possuem formas de articulação e organização bastante diversas, o que impacta diretamente no perfil das suas atividades. Por essa razão, uma característica muito comum entre as organizações em rede é a sazonalidade e descontinuidade de suas ações. Não são raros os momentos em que acontecem esvaziamentos, o que em alguns casos levam a longas pausas ou até mesmo à dissolução dos coletivos. Muitas dessas situações comuns entre redes têm sido compartilhadas nos fóruns da REM-Brasil, que é um importante espaço para trocas de informações e experiências bem como debates que contribuem para o fortalecimento das redes estaduais, e o conseqüente fortalecimento do campo no âmbito nacional.

A REM BAHIA E A PNEM

Criada em 2010, durante o II Encontro Baiano de Museus, a Rede de Educadores em Museus da Bahia (REM-BA) constitui-se como um coletivo cultural específico de Educação Museal sem fins lucrativos, de caráter não governamental, suprapartidário e não confessional. Trata-se de um coletivo de iniciativa da sociedade civil, articulado por profissionais oriundos de vários segmentos das áreas de cultura, ciências e educação, atuantes no campo da Educação Museal, que afirmam o respeito à formação integral, aos direitos humanos e à democracia; a educação para a autonomia, a cidadania e a emancipação dos sujeitos, como princípios fundamentais de sua organização interna. Em relação aos objetivos, a REM-BA pretende ser um fórum permanente de produção e difusão de conhecimento sobre Educação Museal e sua formação teórica e política, contemplando a reflexão e revisão permanentes: ser um espaço de troca de experiências e informações entre sociedade civil e poder público; promover a descentralização das atividades, fomentando a criação de núcleos da rede em todo o estado da Bahia; articular-se regionalmente, nacionalmente e internacionalmente com outras redes similares para a discussão e pleito de temas pertinentes ao campo da Educação Museal; orientar as suas atividades a partir dos princípios e diretrizes estabelecidos na PNEM. (REM-BA, 2018).

A Rede de Educadores em Museus da Bahia tem se consolidado como um importante espaço de militância do campo museológico na Bahia. Para além da sua participação significativa na construção de políticas públicas nas três esferas – Política Nacional de Educação Museal no âmbito federal; Política Estadual Setorial de Museus da Bahia no âmbito estadual tem participado das discussões para a construção de um Plano Municipal de Cultura para Salvador e na Política de Museus para Ilhéus, no âmbito municipal – a REM-BA também tem se posicionado combativamente em situações como o atual processo desmonte pelo qual tem passado o Instituto Brasileiro de Museus.

A participação da Rede de Educadores em Museus da Bahia (REM-BA) no processo de construção da Política Nacional de Educação Museal (PNEM) teve início em 2012, no 5º Fórum Nacional de Museus. Durante o período em que o blog esteve aberto para discussões, a REM-BA não participou enquanto coletivo, porém mobilizou seus membros para participarem e contribuírem ainda que de forma individual. Já após a

sistematização do Documento Preliminar da PNEM, a REM-BA potencializou a sua participação no processo. Com o documento em mãos, foram realizados quatro encontros regionais da PNEM em Salvador - em 31 de março, 28 de abril, 29 de setembro e 13 de outubro de 2014, este último com a presença de Kátia Frecheiras, coordenadora do GT de Formação, Capacitação e Qualificação. Foram feitas sugestões de supressão, inclusão e/ou aglutinação das diretrizes, metas e ações propostas no documento e encaminhadas como contribuição para o Documento Final. A REM-BA, também esteve presente nos dois Encontros Nacionais do PNEM.

A Rede de Educadores em Museus da Bahia aparece com uma importante mobilizadora das discussões da PNEM, tendo participado das discussões no Blog, organizado um encontro para discutir as contribuições do Blog antes mesmo da redação do Documento Preliminar, organizado quatro encontros regionais para discutir o Documento Preliminar, participado do I Encontro Nacional, organizado um encontro para discussão da minuta do documento final e participado do II Encontro Nacional onde foi enfim aprovada a redação final da PNEM.

CONSIDERAÇÕES

A construção de uma política pública nem sempre se dá da forma mais democrática possível, o que seria o ideal. Obstáculos como a dificuldade de mobilização do campo e até mesmo a falta de clareza na compreensão dos mecanismos de construção de políticas públicas faz com que os atores sociais participantes destes processos sejam em geral muito limitados reduzindo-se comumente às mesmas pessoas. Nesse contexto, as organizações em rede, como definidas aqui, atuam como importantes espaços de formação e atuação política da área em questão possibilitando assim um maior alcance de sujeitos envolvidos nesses processos.

A exemplo do Mobiliza Cultura, citado por Alexandre Barbalho no artigo: “*Acho que o que eu peguei foi uma coisa meio fora do normal*”: *Mobilização e Crise na gestão Ana de Hollanda*, a organização dos educadores museais em rede para a construção de uma política específica para a área pode ser compreendida como uma “mobilização na esfera pública”, um dos três níveis de organização da sociedade civil (de seus interesses e valores de cidadania), tal como identificados por Ilse Scherer-Warren, (2006, p. 110 apud BARBALHO, 2017) “para encaminhamento de suas ações

em prol de políticas sociais e públicas, protestos sociais, manifestações simbólicas e pressões políticas”.

O autor segue dizendo que, esse tipo de mobilização, mais abrangente e conjuntural e menos institucionalizada, resulta da articulação dos participantes de movimentos sociais, ONGs e redes, entre outros, e articula a realização de manifestações cujo objetivo é a visibilidade midiática e os “efeitos simbólicos para os próprios manifestantes (no sentido político-pedagógico) e para a sociedade em geral, como uma forma de pressão política das mais expressivas no espaço público contemporâneo” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 112 apud BARBALHO, 2017).

Sendo assim, num contexto em que as políticas culturais estão cada vez mais ameaçadas vide o desmonte da pasta ministerial para o campo e tentativa de extinção do órgão específico dos museus, a organização política da sociedade civil, nesse caso através das Redes de Educadores em Museus se faz cada vez mais necessária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBALHO, Alexandre. “Acho que o que eu peguei foi uma coisa meio fora do normal”: Mobilização e Crise na gestão Ana de Hollanda. In: CALABRE, Lia; LIMA, Deborah Rebello (organizadoras). *Políticas Culturais: conjunturas e territorialidades* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; São Paulo: Itaú Cultural, 2017. p. 33-49. Disponível em: http://observatoriodiversidade.org.br/site/wp-content/uploads/2017/06/IC-POLCULTURAIS_vol3_ONLINE_AF.pdf

CANÇADO, Airton Cardoso; TENÓRIO, Fernando Guilherme; PEREIRA, José Roberto. Gestão social: reflexões teóricas e conceituais. In: *Cad. EBAPE.BR*, v. 9, nº 3, artigo 1, Rio de Janeiro, Set. 2011. P. 682-703. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v9n3/a02v9n3>

CÂNDIDO, Manuelina. Por que se enredar? Vivências em Redes de Educadores em Museus. In: AMARAL, Lilian; TOJO, Joselaine Mendes. (organizadoras) *Rede de Redes: diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil* [recurso eletrônico]. - São Paulo, 2018. 309 p. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/redederedes>

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, 498p.

IBRAM. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, DF. 2018

MARTINHO, Cássio. *Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização*. Brasília: WWF Brasil, 2003.

MARTINS, Luciana. Associações de educadores de museus na construção da Política Nacional de Educação Museal: representatividade e participação. In: AMARAL, Lilian; TOJO, Joselaine Mendes. (organizadoras) *Rede de Redes: diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil* [recurso eletrônico]. - São Paulo, 2018. 309 p. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/redederedes>

REM BAHIA. *Carta de Princípios e Regimento Interno*. 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1jbWl-sK1I0k0dJ5Xe4FjSs1nLC8AfFL7/view>

SILVA, Frederico Augusto Barbosa da. Os Sentidos do Sem Sentido: Lembranças do “REDESENHO” In: CALABRE, Lia; LIMA, Deborah Rebello (organizadoras). *Políticas Culturais: conjunturas e territorialidades* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; São Paulo: Itaú Cultural, 2017. p. 65-81. Disponível em: http://observatoriodadiversidade.org.br/site/wp-content/uploads/2017/06/IC-POLCULTURAIIS_vol3_ONLINE_AF.pdf